

Estudos da Tradução: desafios para a formação de pesquisadores e tradutores

Challenges to the education of Translation Studies researchers and translators

Célia M. Magalhães *

RESUMO: A discussão acerca da formação de pesquisadores da tradução e tradutores enfrenta desafios com o florescimento do campo de Estudos da Tradução no contexto (inter)nacional, face à diversidade e a interdisciplinaridade do campo disciplinar. O objetivo deste artigo é examinar o tema, enfocando um dos desafios, a interface das abordagens linguísticas e literárias na formação de pesquisadores da tradução e tradutores. Faz-se uma revisão das mais recentes tendências no campo disciplinar. Aponta-se a dificuldade de definição de seu objeto de estudo e apresentam-se algumas tentativas de definir o conceito “tradução” e de realizar um mapeamento conceitual ou o desenho de uma paisagem potencialmente abertos do campo. Propõe-se uma extensão do mapa das interfaces do campo disciplinar de Hatim e Munday (2004), incluindo nele as interfaces com as ciências humanas (a sociologia, especialmente) e biológicas. Apresenta-se, finalmente, uma reflexão inicial sobre um ponto de encontro das abordagens linguísticas e literárias, pioneiras no campo de estudo, para a formação em tradução. Tal proposta enfoca a noção de voz do tradutor, conceito comum em metodologias de análise textual das abordagens linguísticas e literárias.

PALAVRAS-CHAVE: Formação de pesquisadores e tradutores. Abordagens linguísticas. Abordagens literárias.

ABSTRACT: Discussion on translation researcher/translator education faces some challenges with the spread of translation studies worldwide due to the diversity and interdisciplinarity in the field. This article examines some of these challenges, focusing on one of them, the interface of linguistic and literary approaches in educating translation researchers and translators. It reviews the most recent trends in the field. It points to the difficulty in defining its object of study, and presents some attempts at defining the concept “translation” and at mapping the field conceptually or designing its landscape as potentially open. The article suggests Hatim and Mason (2004)’s map of the interfaces of translation studies can be extended so as to include the recent trends of humanities (especially sociology) and biology. Finally, it suggests there should be an interface of linguistic and literary approaches, taken as pioneers in translation studies, in translation education. It is suggested this could be done through the notion of translator’s voice, a common concept in methodologies of text analysis in both approaches, linguistic and literary.

KEYWORDS: Translation researcher/translator education. Linguistic approaches. Literary approaches.

* Professora Doutora, Titular em Estudos da Tradução, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

1. Introdução

Em introdução à abordagem de análise do discurso e tradução, Munday (2014) enfatiza que a tradução é uma atividade centrada nos textos. Em publicação anterior a de Munday, Dorslaer (2007) define um campo específico para a tradução e interpretação como atividades, escrita e oral, em paralelo ao campo dos “Estudos da Tradução e da Intepretação” e em relação de complementaridade com este

No artigo citado, Dorslaer realiza um mapeamento conceitual dos Estudos da Tradução enquanto campo disciplinar, com base na ocorrência, frequência e inter-relação de palavras-chaves dos trabalhos publicados em livros e periódicos da base de dados da Editora John Benjamins.

Munday (2014), ao enfatizar que a atividade da tradução está centrada nos textos, avalia que foi a Linguística que conferiu status de ciência a estudos sobre a tradução nos anos cinquenta e sessenta do século passado, e que foram linguistas a introduzir conceitos ainda hoje referidos na teoria da tradução, como é o caso da tipologia de tradução de Jakobson ([1959] 2000). O autor acrescenta, ainda, que o primeiro mapeamento de trabalhos tendo como objeto de estudo a tradução foi apresentado por John Holmes em um Congresso de Linguística Aplicada, em 1972. Esse trabalho batizou o que veio a se constituir como o campo disciplinar “Estudos da Tradução”. Em relação à contribuição da Literatura para este campo disciplinar esta é ressaltada por vasta bibliografia teórica dos Estudos da Tradução que faz referência a textos de abordagens historiográficas da tradução, desde a era pré-teórica, através dos escritos de Cícero, São Jerônimo e tantos outros tradutores de textos sensíveis, como os literários e bíblicos. Parecem ser estes os dois primeiros campos disciplinares a se preocuparem com a tradução como atividade centrada nos textos e o conflito do tradutor como mediador entre duas línguas e duas culturas. Cada um desses campos, entretanto, subordinava a tradução ao seu território e campo disciplinar, por meio do poder legitimado a eles enquanto disciplinas acadêmicas.

Neste artigo, o objetivo é examinar o tema dos desafios no campo disciplinar para a formação de pesquisadores e tradutores, enfocando um dos desafios referidos, a interface das abordagens linguísticas e literárias nessa formação. Para tanto, o artigo está dividido em duas seções, além dessa introdução e das considerações finais. Na primeira, faz-se uma revisão de bibliografia sobre as mais recentes tendências no campo disciplinar, abordando-se a dificuldade de se definir o conceito “tradução” e algumas das tentativas nessa direção. Na segunda, o

enfoque é uma proposta inicial de reflexão sobre uma interface das abordagens linguísticas e literárias na formação de pesquisadores e tradutores no campo disciplinar.

2. Uma revisão bibliográfica

Nesta revisão, não extensiva, de bibliografia sobre mapeamento dos estudos da tradução para permitir alcançar o objetivo exposto na introdução, toma-se como referência trabalhos da última década do Século XX e do início do Século XXI. Nos anos oitenta, com a “virada cultural” da tradução, no contexto europeu, os Estudos da Tradução confirmam seu status de campo disciplinar independente da Linguística e da Literatura. Ironicamente, conforme avalia Munday (2014), a Linguística é praticamente banida da “paisagem” (termo de ZANETTIN; SALDANHA; HARDING, 2015), do campo disciplinar, retornando apenas nos anos noventa em abordagens de análise textual e análise de discurso, e com a aceitação e consolidação das multifaces da tradução e da conseqüente diversidade do campo de estudos. Desde então esse modelo ocidental de constituição dos Estudos da Tradução tem sido adotado quase em todo o âmbito acadêmico, incluindo o não ocidental.

Os avanços no campo disciplinar do final dos anos setenta, dos anos oitenta e noventa, mudaram inteiramente a configuração dos Estudos da Tradução, enquanto campo interdisciplinar, conforme mapeamento inicial de Holmes ([1988] 2000). O campo de estudos é, por natureza, constituído de interfaces e empresta teorias e metodologias de vários outros, conforme representam visualmente Hatim e Munday (2004), em configuração sintetizada na Figura 1, a seguir, o que abre na paisagem do campo uma série de outros caminhos.



Figura 1: Configuração sintetizada do mapa interdisciplinar de Munday e Hatim (2004). Fonte: Hatim e Mason (2004, p. 8)

A diversidade desta paisagem tem consequências para a definição do objeto de estudo do campo, uma tarefa complexa. Toury (1995) é um dos teóricos responsáveis por tentar uma definição aberta, tomando a tradução como fato da cultura-alvo, responsável por definir o que considera como tradução. Esta definição amplia o conceito de tradução, antes restrito por Jakobson à tradução interlinguística; também permite uma reinterpretação do conceito de equivalência, cujas condições devem ser descritas levando-se em conta as convenções da cultura-alvo.

Desde esta tentativa de definição mais ampla, outros teóricos têm se preocupado com uma definição que contemple a tradução como objeto de estudo multifacetado. São teóricos voltados também para a formação de pesquisadores dos Estudos da Tradução que procuram mapear, em um contexto de globalização e/ou internacionalização, este campo disciplinar. Para citar apenas duas, Halverson (1998), teórica da tradução que usa abordagens dos estudos cognitivos, busca nesses estudos, especificamente na teoria dos protótipos, suporte para uma tentativa de definição da tradução. Também Tymoczko (2005), teórica da tradução que usa abordagens dos estudos pós-coloniais, empresta dos estudos cognitivos o conceito de “*cluster*”, e de Wittgenstein (1953) a noção de “semelhança familiar” como base para agrupar os tipos de tradução conforme considerados nas diferentes abordagens, por meio de “[...] uma rede

complexa de similaridades que se sobrepõem e entrecruzam [...]” (WITTGENSTEIN, 1953, seção 66-67, citado em TYMOCZKO, 2005).

Tymoczko (2005), em um mapeamento das tendências de enfoque do campo de estudos à época da escrita do artigo, faz uma previsão, para as décadas seguintes, da existência de seis áreas amplas, capazes de agrupar as linhas de pesquisa que considera centrais para a estrutura do campo disciplinar, bem como linhas emergentes, já aparentes desde aquele momento. As áreas identificadas são assim descritas pela autora:

1. tentativas de definição do conceito de tradução;
2. internacionalização dos Estudos da Tradução;
3. mudanças na teoria e prática da tradução devido às tecnologias emergentes e à globalização;
4. aplicação à tradução de perspectivas interpretativas baseadas em quadros teóricos de outros campos disciplinares ou em categorias superordenadas (os exemplos apresentados pela autora são as categorias “discurso” e “representação”) investigadas em outros campos;
5. relação dos estudos da tradução com as ciências cognitivas e
6. relação do campo disciplinar com as ciências biológicas, especialmente a neurofisiologia.

Detalhando cada uma delas, a autora mostra as prováveis implicações de cada uma para a pesquisa em tradução, como a hegemonia do modelo ocidental, apesar de a internacionalização do campo disciplinar ter permitido o contato com conceitos distintos de tradução na China, Índia e África; o estabelecimento do inglês como língua franca na globalização; a emergência de tipos diversos de tradução intersemiótica, já demandando a introdução de estudos da multimodalidade no campo; a focalização da percepção na observação e análise da tradução a partir de um quadro teórico e/ou uma categoria superordenada como indicadora da permanência desta linha de pesquisa; o potencial dos estudos cognitivos sobre similaridade e analogia e suas implicações para o conceito de equivalência, os estudos descritivos e o ensino da tradução e, finalmente, o número de perguntas instigantes a serem feitas a partir da interface com a neurofisiologia e a potencial contribuição desta parceria para os Estudos da Tradução.

Mason (2009) refere-se a Tymoczko (2005), entre outros, ao juntar-se ao debate sobre linhas de pesquisa. O autor, simultaneamente preocupado com a formação de pesquisadores¹, também adverte para a hegemonia do modelo europeu, em decorrência da internacionalização. Mason explica que, seja qual for o modelo escolhido em cada instituição ou centro, os pesquisadores podem ser conscientizados da diversidade do campo disciplinar para conhecê-la e respeitá-la. O autor alerta para o fato que estes precisam de conhecimentos gerais sobre o campo, mas também precisam saber que a abordagem escolhida terá, junto com sua especialização, teorias e métodos distintos, e que é importante manter os enfoques específicos. A partir das considerações de Tymoczko (2005) e Mason (2009), é possível sugerir uma alteração da configuração visual inicial de Hatim e Munday (2004) para dar conta das tendências previstas, hoje em franco florescimento, para interfaces entre a tradução e os mais diversos campos de estudo, confirmando suas várias faces e a diversidade da sua paisagem (ver Figura 2, a seguir).



Figura 2. Configuração sugerida da Interdisciplinaridade nos Estudos da Tradução. Fonte: a autora.

¹ A formação de tradutores constitui outra linha de pesquisa consolidada no campo disciplinar, especialmente em centros como a Universidad Autónoma de Barcelona, a Universidade Federal de Santa Catarina e a Universidade Federal de Uberlândia, entre outros.

No contexto nacional, há também a preocupação em se mapear o campo disciplinar, tendo sido constituído um grupo de pesquisa nacional intitulado “Mapeamentos nos estudos da tradução”. Pode-se, ainda, registrar, entre outras, publicações que contêm, seja um banco de dados de resumos/*abstracts* e palavras-chave/*keywords* de dissertações e teses defendidas por pesquisadores brasileiros no país ou em países estrangeiros em um período de cerca de 20 anos (PAGANO et. al., 2001), seja um mapeamento do campo disciplinar com base nas palavras-chave/*keywords* dessas dissertações e teses (PAGANO; VASCONCELLOS, 2003). Esta última, baseando-se na configuração inicial do campo de estudos elaborado por Holmes (1972) e no banco de dados compilados por Pagano et al. (2001), mostra que há desdobramentos na pesquisa brasileira que acompanham os avanços do campo de estudo nas décadas seguintes àquelas contempladas por Holmes. Mostra, ainda, tendências a parcerias internacionais que, simultaneamente, conferem um perfil local à pesquisa nacional.

Com base nos trabalhos acima referidos, pode-se observar que o modelo europeu, em que se constituem centros ou programas de estudos da tradução, não é o predominante no Brasil. Na pós-graduação, a tradução geralmente mantém-se subordinada aos Estudos Linguísticos como linha pesquisa, ou constitui-se em área de concentração em Estudos da Tradução. A tradução está, ainda, geralmente subordinada aos Estudos Literários como linha de pesquisa de áreas de concentração diversas como a Literatura Comparada e os Estudos Clássicos, entre outras². Entretanto, é preciso ressaltar que já há exemplos de instituições de ensino superior brasileiras que constituíram Programas de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, como a Universidade Federal de Santa Catarina, a Universidade de São Paulo e a Universidade de Brasília. Em nível de graduação, enquanto a maioria das instituições oferece Bacharelado em Tradução como uma das habilidades ou ênfases do Curso de Graduação em Letras, já há universidades que oferecem o Curso de Graduação em Tradução, como a Universidade Federal de Uberlândia e a Universidade Federal da Paraíba. Assim, ressaltam-se os avanços que iniciam um processo de criação de um status para a tradução que, por um lado, ainda está entre linguística e literatura, por outro, constitui uma representação da tradução como objeto de estudo de um campo disciplinar próprio, com o entrecruzamento típico de outras disciplinas,

² Este é o caso da Universidade Federal de Minas Gerais que está em processo de criação em seu programa de pós-graduação a Área de Concentração em Estudos da Tradução com duas linhas de pesquisa, “modelagem da tradução e da produção textual multilíngue” e “tradução como intervenção: avaliação e estilo”. Há, ainda, no programa de pós-graduação em estudos literários a linha de pesquisa “poéticas da tradução” relacionada a diversas áreas de concentração.

entre elas a Linguística e a Literatura. Uma das consequências disso é a necessidade de uma formação ao mesmo tempo ampla e direcionada de pesquisadores e tradutores.

3. Interface das abordagens linguísticas e literárias: proposta inicial de reflexão

Malmkjaer (2005, p. 20-21) define três tipos de “abordagens” nos estudos da tradução. O enfoque deste trabalho é no terceiro tipo de abordagem, adotado pela autora, especialmente em trabalhos de estilística tradutória (MALMKJAER 2003, 2004, entre outros). Trata-se de:

“[...] aplicar o conhecimento obtido em outra disciplina ao fenômeno tradutório, considerando-se ainda esse fenômeno como específico dos estudos da tradução e reconhecendo-se que este campo de estudos têm um núcleo central teórico, conceitual e nocional próprio”.³ (MALMKJAER, 2005, p. 21)

A autora explica o funcionamento de tal abordagem. Segundo ela, ideias dos outros campos de estudo alimentariam os Estudos da Tradução. Nesse caso, tais ideias ampliariam seu escopo e auxiliariam em um melhor entendimento dos fenômenos próprios do objeto de estudo “tradução”. Simultaneamente, o interesse específico estaria nos aspectos do fenômeno tradutório e da atividade tradutória que se aproximam dos enfoques das teorias usadas. Há, ainda, a expectativa de que ideias do campo disciplinar dos estudos da tradução, por sua vez, retroalimentem as teorias usadas. A proposta de reflexão sobre uma interface das abordagens linguísticas e literárias com os estudos da tradução, a qual se apresenta doravante, adota esta perspectiva de abordagem da tradução proposta por Malmkjaer.

Como ilustração de possíveis interfaces envolvendo os campos pioneiros na abordagem da tradução, a linguística e a literatura, é produtivo referir-se, por exemplo, a uma das abordagens linguísticas da tradução, consolidada como análise do discurso e tradução. Esta tem como interesse pontos críticos nas traduções de textos literários que podem revelar o posicionamento, a intervenção e a subjetividade do tradutor, incluindo sua “voz” (MUNDAY, 2008), conceito emprestado da narratologia e usado em abordagens literárias (HERMANS, 1996). Esses pontos críticos compartilham propriedades daquilo que o antropólogo Michael Agar (1991, 1994) nomeia como “rich points” e define como “locais do discurso em que

³ Tradução do original pela autora: “[...] to apply knowledge gained in another discipline to translational phenomena while still considering translational phenomena to be subject specific, and while acknowledging that translation studies has a central, conceptual and notional core of its own”.

diferenças culturais cruciais são sinalizadas” (AGAR, 1994, p. 232, citado por MUNDAY, 2012, p. 2). Tais pontos são considerados como “rich value points” por Munday (2012) e as estratégias para traduzi-los podem ser usadas conscientemente ou não pelos tradutores, no nível linguístico do texto, com prováveis interpretações diferentes de textos sensíveis (literários, políticos, entre outros) pelo público-alvo da tradução, face à “voz ou presença discursiva” (HERMANS, 1996) do tradutor no texto. Abordagens como a análise de discurso de Munday (2008, 2012) ou a estilística tradutória de Malmkjaer (ibid.), Munday (2008, entre outros) e Magalhães (2014, entre outros) são, por natureza, interdisciplinares, adotando a perspectiva descrita em Malmkjaer (2005). Tais abordagens são alimentadas resultados de trabalhos de descrições das diferentes línguas, realizadas com suporte da Teoria Linguística Sistêmico-Funcional, outra linha de pesquisa do campo disciplinar. Esta linha contribui, com a análise dos textos em relação de tradução, especialmente, para o ensino da tradução, a prática tradutória e os avanços da tradução automática.

Os pontos críticos dos textos-fonte, conforme percebidos por tradutores ou pesquisadores em sua análise do texto-fonte ou do texto-traduzido, respectivamente, e a competência tradutória e expertise para resolvê-los constituem interesse da perspectiva do processo da tradução, linha consolidada (inter)nacionalmente, que usa ferramentas cada vez mais sofisticadas de mapeamento do processo cognitivo, incluindo, recentemente, a ressonância magnética do cérebro do tradutor em plena atividade, com implicações cruciais para a formação de tradutores iniciantes em tradutores expertos, e para avanços de tecnologias como os sistemas de memória de tradução e a tradução automática, entre outros. Essas são perspectivas discursivas, linguísticas e cognitivas cuja interface pode ser crucial em processos de ensino e pesquisa da/em tradução, um deles o do ensino e pesquisa da tradução de textos literários.

Enfoca-se, novamente, a voz ou presença discursiva do tradutor, conceito da narratologia emprestado por abordagens da tradução literária (HERMANS, 1996; SCHIAVI, 1996, entre outros). Este conceito é, por sua vez, emprestado pela estilística tradutória e análise do discurso (MUNDAY, 2008 e 2012, respectivamente). Ele está relacionado com a estrutura comunicativa da narrativa nos textos literários e é enfoque da narratologia, campo de estudos que auxilia na análise de textos para qualquer propósito, de pesquisa empírica ou de orientação para a atividade de tradução de textos literários, conscientizando o analista/aprendiz da complexidade da interpretação do texto traduzido, que é uma mixagem de duas escritas, duas línguas e culturas. Munday busca em seus trabalhos distinguir a voz do tradutor nessa mixagem

por meio de traços linguísticos; também se interessa pela voz do tradutor no sentido da audição de outra voz, a do autor, fundamentado em registros deixados por tradutores literários, quase obcecados em sua tentativa de “ouvir a voz do autor” ao ler o texto a ser traduzido. Este é um exemplo de interface da Linguística e Literatura que pode trazer benefícios para a conscientização de alunos em processo de formação em tradução ou pesquisa de textos literários, sobre o seu papel de leitor crítico, com a expertise necessária para níveis mais complexos de interpretação dos textos-fonte. Em um exemplo que pode ser citado, na linha de ensino da tradução de textos literários, Evans (2014) relata uma experiência de ensino em que, pode-se dizer, é usada uma interface das duas abordagens, literária e linguística, em especial, a análise textual. A experiência envolve o uso de retraduições literárias nas oficinas de tradução para a associação de teoria e prática da tradução no desenvolvimento da consciência crítica de tradutores iniciantes como parte integrante da competência tradutória.

Concluindo esta seção, usa-se parte de um texto ficcional como último ponto para a sinalização do impacto que pode representar, no âmbito da pesquisa e do ensino da tradução, a interface de abordagens linguísticas e literárias. Na novela “Translator Translated”, publicada relativamente próximo à época em que há reflexões teóricas nas abordagens literárias e linguísticas dos estudos da tradução sobre a “voz” do tradutor, a voz da narradora dos textos da indiana Anita Desai é reconstruída na voz da narradora da tradução Prema. Prema conta que após traduzir uma história de Suvarna Devi, autora indiana que escreve em Oriya, sua “língua-mãe”, tenta ela própria escrever outra história nessa língua, talvez tentando superar suas expectativas frustradas com o encontro com a escritora em pessoa, ou a autora real, e de traduzir uma segunda história escrita por ela. Depois de descartados os inúmeros rascunhos do texto de sua própria autoria, Prema, uma noite ouvindo, do seu quarto, o grasnar dos corvos nos postes de sua rua, assim narra sua reflexão:

“[...] ocorreu-me que só Suvarna Devi poderia escrever essa história. Só ela tinha a voz para fazer isso; eu não. Eu vinha escrevendo sob a influência dela, com sua voz; não era a minha. Ao adotar a voz dela, perdi a minha.”⁴ (DESAI, 2011, p. 91).

⁴ Tradução da autora do original: “[...] it occurred to me that only Suvarna Devi could write this story. Only she had the voice for it; I did not. I had been writing under her influence; with her voice, it was not mine. In adopting hers, I had lost mine”.

A referência ao excerto do texto ficcional acima, uma digressão necessária ao tema do trabalho, não objetiva fazer qualquer tipo de análise, textual ou do discurso, da novela ou do trecho citado, da perspectiva de qualquer das abordagens, linguísticas ou literárias. O objetivo é apontar que não pode ser por caso que o conflito de vozes na tradução como escrita seja, simultaneamente, representação em um texto ficcional e conceito teórico que é objeto de estudo de abordagens literárias da tradução e das abordagens linguísticas. E essa sintonia pode ser usada no âmbito dos estudos da tradução, com provável impacto para a formação de pesquisadores e tradutores.

4. Considerações finais

Retorna-se, à guisa de conclusão, ao objetivo proposto neste trabalho. Este constituía examinar o tema dos desafios nos Estudos da Tradução para a formação de pesquisadores e tradutores, enfocando um deles, a interface das abordagens linguísticas e literárias nessa formação. Para tanto, volta-se à referência à paisagem dos estudos da tradução desenhada por Zanettin, Saldanha e Harding (2015), com base em dados gerados do corpus do Translation Studies Abstracts, periódico da antiga St. Jerome Publishing. Os autores citados, levando em consideração os dados obtidos até a conclusão de sua pesquisa e escrita do artigo, desenharam uma paisagem dos Estudos da Tradução cada vez mais aberta; entretanto, ainda com predominância de abordagens da análise textual e da tradução literária. Os desafios que se nos apresentam os caminhos de uma paisagem diversa e aberta, mas em que ainda têm predominância as tendências da análise textual, espaço dos estudos linguísticos, e da tradução literária, espaço dos estudos literários, é um ponto para reflexão de todos os professores envolvidos na formação de pesquisadores em Estudos da Tradução e de tradutores. Em relação às abordagens linguísticas e literárias do campo disciplinar, parece haver uma confluência de vozes e preocupações entre elas, o que já constitui um sinal para se explorar um roteiro nesta paisagem. Seguindo-se o caminho que têm percorrido, recentemente, as abordagens de análise do discurso e tradução e de estilística tradutória, a ideia é encontrar pontos de encontro ou de contato entre essas abordagens, especialmente para a pesquisa e o ensino da tradução de textos literários. É, principalmente, considerar a tradução como objeto de estudo de um campo disciplinar propício para a interface entre campos disciplinares, incluindo a linguística e a literatura.

Agradecimentos

Ao CNPq, Projeto PQ 301720/2013-9; à FAPEMIG, Projeto PPMVIII 00059-14 e à CAPES, Projeto PACCSS-II 151/2013.

Referências bibliográficas

AGAR, M. The intercultural frame. **International Journal of Intercultural Relations**, Vol. 18, No. 2, p. 221-237, 1994. [http://dx.doi.org/10.1016/0147-1767\(94\)90029-9](http://dx.doi.org/10.1016/0147-1767(94)90029-9)

DESAI, A. Translator translated. In: DESAI, A. **The artist of disappearance**. Boston, New York: Houghton Mifflin Harcourt, 2011, p. 42-92.

DOORSLAER, L. Van. Mapping as a keyword-related tool underlying the online Translation Studies Bibliography. **Target**, vol. 19, no 2, p. 217-233, 2007.

EVANS, J. Translation as a critical practice: using retranslation when teaching translation. **Quaderns. Revista de traducció**, vol. 21, p. 199-209, 2014.

HALVERSON, S. Translation studies and representative corpora: Establishing links between translation corpora, theoretical/descriptive categories and a conception of the object of study. **Meta**, Vol. 43, No. 4, p. 494-514, 1998. <http://dx.doi.org/10.7202/003000ar>

HATIM, B.; MUNDAY, J. **Translation: An advanced resource book**. London and New York: Routledge, 2004. 400 p.

HERMANS, T. The translator's voice in translated narrative. **Target**, vol 8, no 1, p. 23-48, 1996. <http://dx.doi.org/10.1075/target.8.1.03her>

HOLMES, J. The name and nature of translation studies. In: VENUTI, L. **Translation studies: a reader**. London/New York: Routledge, [1988] 2000, p. 172-185.

JAKOBSON, R. On Linguistic Aspects of Translation. In: VENUTI, L. (Org.). **The Translation Studies Reader**. London and New York: Routledge, 2000[1959], p. 113-118.

MAGALHÃES, C. M. ESTRA: um corpus para estudo do estilo da tradução. **Cadernos de Tradução**, vol. 2, no. 34, p. 248-271.

MASON, I. Research training in translation studies. **The Interpreter and Translator Training**, vol. 3, no. 1, p. 1-12, 2009. <http://dx.doi.org/10.1080/1750399X.2009.10798778>

MALMKJAER, K. What happened to God and the angels? An exercise in translational stylistics. **Target**. vol. 15, no. 1, p. 37-58, 2003. <http://dx.doi.org/10.1075/target.15.1.03mal>

_____. Translational stylistics: Dulcken's translations of Hans Christian Andersen. **Language and Literature**. vol. 13, no. 1, p. 13-24, 2004. <http://dx.doi.org/10.1177/0963947004039484>

_____. **Linguistics and the language of translation**. Edinburgh University Press, 2005. 208 p.

MUNDAY, J. **Style and Ideology in Translation: Latin American writing in English**. London/New York: Routledge, 2008. 280 p.

_____. **Evaluation in Translation: A study of critical points in translator decision-making**. London/New York: Routledge, 2012. 208 p.

_____. Text analysis and translation. In BERMAN, S.; PORTER, C. **A companion to translation studies**. London: Wiley Blackwell, 2014, p. 69-81. <http://dx.doi.org/10.1002/9781118613504.ch5>

PAGANO, A. et. al. **Estudos da tradução no Brasil/Translation Studies in Brasil**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2001. (CD-ROM)

PAGANO, A.; VASCONCELLOS, M. L. Estudos da tradução: Reflexões sobre teses e dissertações elaboradas por pesquisadores brasileiros nas décadas de 1980 e 1990. **Revista D.E.L.T.A.**, vol. 19: especial, p. 1-25, 2003.

SCHIAVI, G. There's always a teller in a tale. **Target**, Vol. 8, No. 1, p. 1-21, 1996. <http://dx.doi.org/10.1075/target.8.1.02sch>

TOURY, G. **Descriptive translation studies – and beyond**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995. 366 p. <http://dx.doi.org/10.1075/btl.4>

TYMOCZKO, M. Trajectories of research in translation studies. **Meta**, vol. 50, no. 4, p. 1082-1097, 2005. <http://dx.doi.org/10.7202/012062ar>

WITTGENSTEIN, L. **Philosophische untersuchungen, Philosophical Investigations**. Tradução de G.E.M. Anscombe. New York: Macmillan, 1953. 250 p.

ZANETTIN, F.; SALDANHA, G.; HARDING, S. Sketching landscapes in translation studies: a bibliographic study. **Perspectives: studies in translatology**, vol. 23, no 2, p.161-182, 2015.

Artigo recebido em: 21.01.2016

Artigo aprovado em: 25.05.2016